

**“PAI NÃO AJUDA, PAI CUIDA”: UMA LEITURA SOBRE A PATERNIDADE
ATIVA**

Tuany Abreu de Moura¹
Francisco José Gomes Damasceno²

RESUMO

Por volta de 2015 o termo *paternidade ativa* passou a ter visibilidade nas redes sociais. Esse termo vem sendo utilizado como um elemento de distinção entre a paternidade tradicional que apresenta o pai como *pai-provedor* e uma “nova” forma de ser pai contemporânea que participa ativamente na economia do cuidado com os filhos e o lar e se propõe a dar uma educação embasada no respeito e empatia pela criança, esta entendida como um sujeito de direitos. Neste trabalho, buscamos demonstrar um dos elementos que caracteriza a *paternidade ativa*. Para isso acompanhamos as redes sociais de pais e influenciadores no Instagram no período de 2018-2021, o estudo foi realizado com uma abordagem qualitativa, ancorado no método da etnografia com a utilização das técnicas de observação participante, anotações em diário de campo e entrevistas. Como resultado desse estudo caracterizamos e conceituamos sociologicamente a *paternidade ativa*.

PALAVRAS-CHAVE: Paternidade ativa; Masculinidades; Instagram; Afetividade.

INTRODUÇÃO

Por volta dos anos de 1970 emergiram os estudos que visavam investigar a masculinidade, ou como ficaram conhecidos: os *Men's Studies*³, nos quais se destacam inicialmente os nomes de estudiosos como: Kimmel (1998), Connell (1995) nos países anglo-saxões e Bandinter (1993) na Europa. No Brasil nomes como Nolasco (1993) e Medrado (1997) são importantes. Já dentro de uma discussão contemporânea sobre as masculinidades negras e decoloniais são relevantes as obras de Bell Hooks (2019), Vigoya (2018).

Esses estudos iniciais tinham como objetivo compreender a masculinidade como um gênero, e isso significa compreendê-la como uma “estrutura ampla, que engloba a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade” (CONNELL, 1995, p. 189), e que

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Integrante do NUSS Bolsista Capes. Email: tuanymoura02@gmail.com.

² Doutor em História Social (PUC-SP). Pós Doutor (UNL-PT). Coordenador DÍCTIS. Professor Associado - Universidade Estadual do Ceará-UECE. fjdamasceno@hotmail.com.

³ Nas décadas de 60 e 70 do século passado surgiram os estudos que marcaram a reflexão sobre o gênero masculino nos países anglo-saxões. Ver mais em SOUZA, Márcio Ferreira. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). In: **Mediações revista de ciência sociais**. v. 14, n. 2 2009. Disponível em< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4510>>.

influencia a vida das sociedades e dos indivíduos em suas subjetividades, levando em consideração as relações de poder que estão intrínsecas na sua configuração atual.

Esses estudos deslocaram o homem de seu local habitual de neutralidade entendido como sinônimo de humano, de humanidade, e o examinaram buscando desvendar suas nuances, problematizando e caracterizando o que significava ser homem e masculino, pois a máxima de Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” passou a ser aplicada também aos homens “ninguém nasce homem, torna-se homem”.

No percurso da investigação desse homem generificado, ou no processo de generificação do sujeito homem é importante situá-lo em transformações sociais que ocorreram na sociedade ocidental ocasionadas por lutas sociais como o movimento(s) feminista(s) e os estudos e movimentos de liberação sexual, e diversidade sobre sexualidades e gêneros atualmente representados pela sigla LGBTQIA+⁴.

Para Bandinter (1993), quando o movimento feminista questionou o seu lugar na sociedade, o homem teve que reavaliar o seu próprio lugar, pois a definição deste se fazia em oposição à mulher, que por sua vez vem se modificando. Assim, para a autora, no fim do século XX “os homens começam a se questionar sobre sua identidade. Seguindo o exemplo das mulheres, que contestam em alto e bom som os papéis tradicionais que lhes são atribuídos, alguns homens dizem que querem se libertar da coação da *illusio viril*” (BADINTER, 1993, p. 5).

No entanto, Nolasco (1993) discorda desse entendimento, indicando que ao longo da história existiram homens não identificados com o modelo falocêntrico⁵, e que as reivindicações masculinas possuem as suas próprias demandas, baseadas nas experiências subjetivas dos homens.

Assim, podemos assinalar que ao longo das décadas de investigações e teorizações sobre o gênero masculino no ocidente duas correntes foram se consolidando, temos por um lado uma perspectiva que se define como aliada aos feminismos e outra que se orienta para uma análise independente sobre a masculinidade, essa corrente foi influenciada e “inspirada no movimento mito-poético surgido ao redor do livro de Robert Bly, *Iron John: a book about man* [João de Ferro: um livro sobre homens]. (VIGOYA, 2018, p.42)”. Para esta pesquisa, iremos partir de uma matriz feminista sobre o gênero masculino (MEDRADO; LYRA, 2008).

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexual, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e o símbolo + abriga as demais possibilidades de orientação sexual e identificação de gênero que existam.

⁵ Ideologia cuja base se sustenta na premissa básica de que o poder político/econômico, em diversos âmbitos, deva ser exercido somente por homens.

Partindo dessa perspectiva um dos primeiros pontos que temos que destacar sobre a temática da masculinidade, é considerá-la no plural: masculinidades, pois se identificam diferentes construções, experiências e formas nas quais se expressam o gênero masculino. Connell (1995), por exemplo, considera os seguintes tipos de masculinidades: *hegemônica, cúmplice, subordinada e marginal*⁶.

Nos últimos anos, pesquisas apontam que o padrão hegemônico, dominante e normativo que tem suas bases na heterossexualidade, na branquitude, no ideal de virilidade e na utilização da violência como linguagem vem sendo questionado e combatida por diferentes segmentos de homens (CONNELL, 1995). No final do século XX, homens e grupos de homens passaram a organizar campanhas pelo fim da violência contra a mulher, como por exemplo a campanha laço branco⁷.

Já nas primeiras décadas do século XXI os homens e grupos de homens passam a ocupar as redes sociais e a produzirem conteúdos críticos sobre a masculinidade hegemônica gerando diversos materiais como documentários⁸, rodas de conversas e eventos que falem sobre o masculino e seus dilemas, os temas masculinidade tóxica e masculinidade frágil tiveram destaque nos debates sociais atuais, assim como as masculinidades negras.

Dessa forma, é possível considerar que há em curso um processo de mudança na concepção de ser homem e na masculinidade ocidental. A partir dessa compreensão, pesquisas passaram a investigar e indagar sobre a construção de um “novo homem” contemporâneo. A pesquisa bibliográfica e documental realizada sobre a categoria

⁶A masculinidade hegemônica é considerada normativa e dominante, explicitando a pauta política misógina e homofóbica, que reafirma o modelo patriarcal da sociedade. Já a cúmplice não reivindica o padrão hegemônico, mas aceita a estrutura de gênero mais ampla, pois se acomoda aos benefícios que recebe do patriarcado, e não se manifesta contrária ao modelo hegemônico. A subordinada, por sua vez, remete a todos os modelos de masculinidade que podem se manifestar sem serem identificadas como hegemônicas, a exemplo daquelas expressas no movimento de liberação gay nos anos de 1970, cujo grupo é alvo de discriminações. E a masculinidade marginalizada, que está geralmente vinculada à classe e etnia, não fazendo parte do padrão hegemônico.

⁷Laço Branco é o símbolo escolhido para representar a campanha contra a violência de gênero organizada pelos homens. A origem desse movimento é atribuída ao episódio conhecido como: O massacre de Montreal e a repercussão deste na sociedade Canadense. Em 1989 no Canadá ocorreu um trágico episódio na Escola Politécnica de Montreal (Canadá). Um jovem, entrou em uma sala de aula e pediu que os homens se retirassem permanecendo somente as mulheres. As quatorze mulheres que permaneceram foram mortas a tiro pelo jovem que depois de disparar contra elas cometeu suicídio. A motivação do jovem revelada nas investigações sobre o crime apontava que em uma carta escrita pelo mesmo, afirmava que ele havia feito isso porque não suportava a idéia de mulheres ocupando profissões, que na opinião dele, eram exclusivamente masculinas. Este episódio gerou um grande debate naquele país sobre questões relativas à violência de gênero, fazendo com que um grupo de homens de Ontário e Quebec, extremamente sensibilizados com o acontecido, criassem a Campanha do Laço Branco (White Ribbon Campaign). Que atualmente acontece em diversos países inclusive no Brasil.

⁸ Cf.: The mask You live In. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d2B0ikOh7I4>>. E o Silêncio dos Homens. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d2B0ikOh7I4>>.

gênero/masculinidades nos permite defender que o momento da paternidade vem sendo apontado como crucial para percebermos as mudanças das masculinidades contemporâneas (CONNELL, 1995).

Em período recente de nossa história, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança (GOMES; RESENDE, 2004, p.119).

Nas últimas décadas a paternidade vem sendo investigada a partir das mudanças dos lugares que os membros da família passaram a ocupar fazendo do pai alvo de investigação, e esse, “Está sujeito e é movido pelas transformações sócio culturais. Dispõe-se a redefinir seu papel, a restabelecer seu lugar e a repensar modelos que lhe permitam viver a paternidade, senti-la e exteriorizá-la” (GOMES; RESENDE, 2004, p.122).

O modelo familiar patriarcal sofreu profundas transformações com o avanço da modernização. No livro *A transformação da intimidade*, Giddens (1993) demonstra como o amor romântico, a maior liberação sexual, as lutas por reconhecimento social das relações homoafetivas e os movimentos feministas alteraram as relações do lar, que estão imbricadas com o meio social.

Ademais, as mudanças nos lugares sociais e simbólicos atribuídos à infância e às crianças ao longo dos séculos, também influenciaram na reorganização familiar. Atualmente, há uma concordância na literatura sobre a existência de múltiplas estruturas familiares, motivo pelo qual se passou a utilizar o termo famílias no plural.

O tipo de paternidade que estamos investigando é a paternidade exercida por homens que se propuseram a romper com o lugar tradicional e secular atribuído ao ser pai. Para isso, realizamos uma abordagem teórico-metodológica que parte da sociologia para compreender as temáticas de gênero(s) e família(s) em um contexto no qual emergem sujeitos que ressignificam laços sociais e estabelecem novos paradigmas familiares.

Nesse trabalho, propomos a investigação e a compreensão de uma das faces das paternidades contemporâneas identificadas pelo termo *paternidade ativa*. A pesquisa ocorre com base em uma abordagem qualitativa, pois tem como objetivo “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009, p.8).

O método etnográfico foi utilizado, pois este “tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos[...]” já que “em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento” (MAGNANI, 2002, p.17). Como base nesse método, a pesquisa de campo proporcionou maior aproximação com os sujeitos que viabilizou entrevistas com alguns sujeitos, registros em diário de campo também foram realizadas, o que viabilizou a elaboração de categorias de análises.

O principal local de coleta de dados foi a plataforma *Instagram*. Esta rede é acessada pela internet pelo site ou o aplicativo (app) em celular, que inicialmente tinha como propósito inicial ser uma rede social para o compartilhamento de fotos. Foi criado em 2010 nos Estados Unidos, por Kevin Systrom e Mike Krieger engenheiros de software e empreendedores.

Devido ao seu sucesso em 2012 o Facebook, outra rede social e empresa, comprou o Instagram pelo valor de 1bilhão de dólares, e a rede foi disponibilizada para o sistema Android (sistema disponível em smartphones de diferentes empresas) adquirindo mais usuários chegando atualmente na casa de 1bi de pessoas utilizando a rede. Segundo sites de marketing e de tecnologia digital⁹ que acompanham o mundo das tecnologias e empreendimentos e divulgam pesquisas realizadas sobre as redes sociais apontam que desde 2015 os usuários brasileiros ganham destaque nas estáticas de usuários com um uso mais frequente que a média global no Instagram.

Ao longo dos anos a plataforma passou por várias alterações em suas configurações e diferentes objetivos dos inicialmente proposto em sua idealização. Devido à alta popularidade da plataforma e a constante atualização de suas funcionalidade e ferramentas o Instagram deixou de ser um app de compartilhamento de fotos pessoais para ser um local de novos mercados, com marketing e empreendedorismo, hoje existem lojas apenas online funcionando pelo Instagram e também é um espaço de ativismos e denúncias sociais.

Além de impulsionar o e-commerce¹⁰ essa rede social também viabilizou a criação de novas profissões como por exemplo o influenciador digital, que pode ser identificado pelo

⁹ Canaltec: Site que apresenta informações sobre o que acontece no mundo da tecnologia, um site informático que visa auxiliar na decisão de compra de milhões de consumidores; abrangendo lançamentos de produtos, novidades das empresas do segmento, atualizações sobre as redes sociais, curiosidades, notícias e entrevistas sobre ciências, espaço e cultura geek. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>>. Amper: Empresa da indústria da comunicação. Disponível em: <<https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>>.

¹⁰ Comércio eletrônico.

número de seguidores que possui, por ser ou ter autoridade (RECUERO, 2020) sobre o tema principal que divulga e pelo engajamento que ele gera na rede, de forma bem suscinta a interação com as postagens é que gera engajamento e faz com o perfil seja mais facilmente encontrado, indicando que a conta possui capital social (RECUERO, 2020).

Devido a conectividade, interatividade e o perfil que o Instagram possui, ele foi escolhido um dos locais da pesquisa, pois muitos pais que defendem uma paternidade diferente da tradicional se organizam e também estão disponibilizando e produzindo conteúdos e debates sobre o tema das paternidades, seja compartilhando suas experiencias ou mesmo conversando com pessoas especializadas em *lives* sobre algum tema específico que atravessa a paternagem e postando conteúdos semanais nas suas contas.

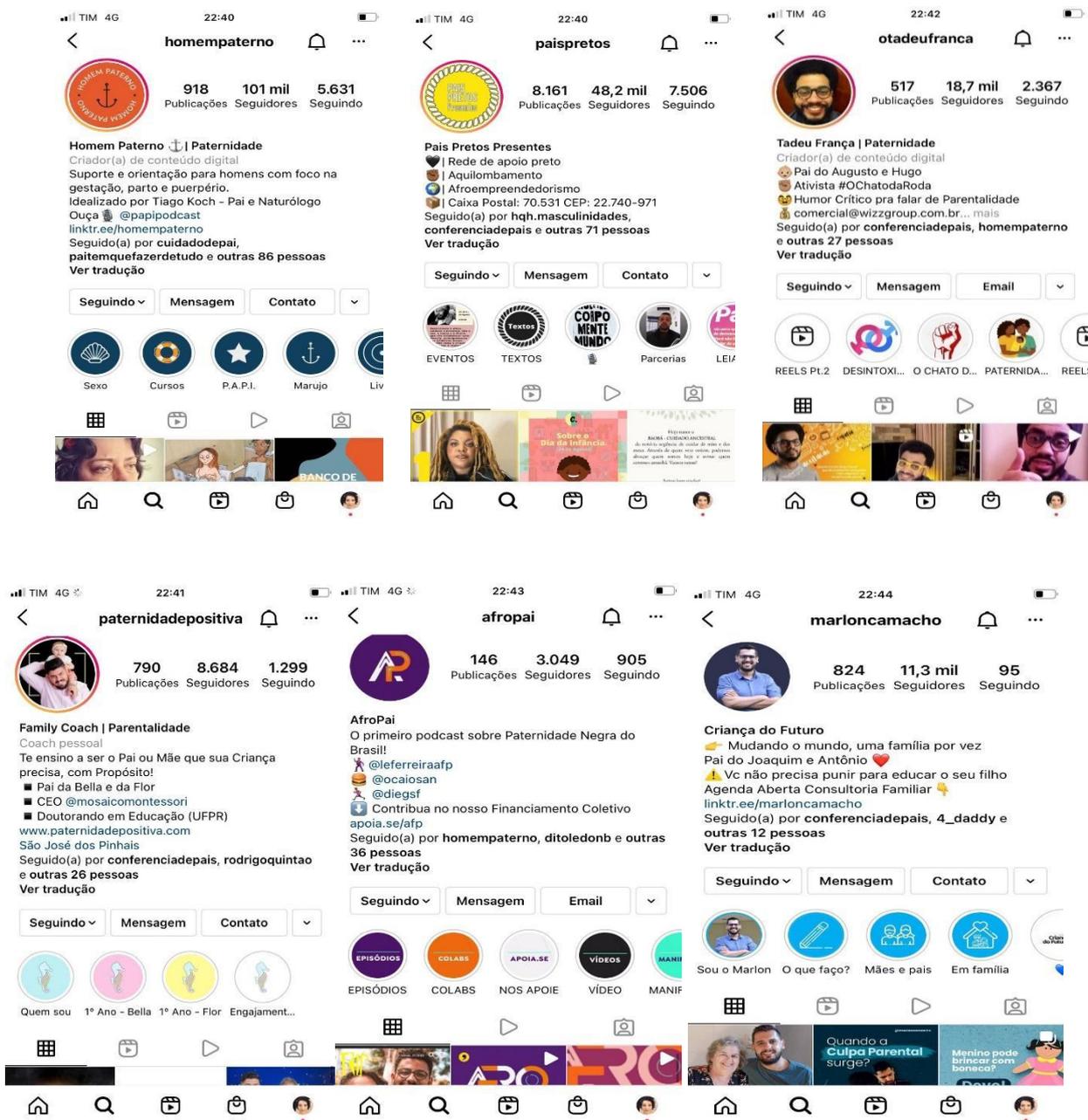


Fonte: prints realizados pelos autores¹¹.

Na primeira foto temos o perfil @paizinho, vírgula, onde podemos observar na primeira imagem na parte superior o nome da conta ao lado o sininho para ativar as notificações, abaixo a foto do perfil, as informações do número de postagens seguidores e seguidos, embaixo a descrição da página com links de conexão para outras plataformas, em seguida as teclas de interação, logo após temos os ícones de destaque e na segunda imagem

¹¹ As imagens utilizadas neste artigo foram retiradas de contas em redes sociais públicas, de livre acesso. Respeita-se eticamente os sujeitos envolvidos e suas práticas. Portanto, usamos as imagens para fins acadêmicos, resguardando o compromisso ético com a produção de conhecimento e de quem participa sem causar danos ou expor de forma vexatória.

podemos observar a composição do *feed*. Ao acessar essa página tenho acesso a uma série de informações, uma delas é saber os seguidores que temos em comum. Segue algumas outras imagens de perfis pesquisados que se conectam seguindo ou sendo seguidos.



Fonte: Prints realizados pelos autores no Instagram

Dentro da plataforma procurou-se por pais que em seus conteúdos abordassem de alguma forma a paternidade ativa, que possuíssem visibilidade e alcance de público - capital social. Assim, chegou-se a uma lista com 30 perfis com no mínimo 1000 seguidores. A busca se dava pelo nome “papai” ou “#paternidadeativa” dentro do app. Ao começar a seguir

algumas contas se observava os seguidores, identificando com isso as contas que poderiam atender os interesses da pesquisa e fazendo o movimento de “bola de neve” (VINUTO, 2014), buscando construir um campo de conexões (RECUERO, 2020).

Depois de um tempo quando se “entrava” em uma conta e se identificavam os seguidores em comum percebeu-se que começavam a se repetir, havia uma conexão entre inúmeras contas chegando a um ponto de saturação a partir do qual se parou de buscar e iniciou-se o acompanhamento dos perfis fazendo um novo recorte.

Dentro dessa lista que foi criada selecionou-se perfis para acompanhar mais de perto em busca de minúcias. Buscava-se aqueles com maior número de seguidores, que postavam com regularidade e mantinham canal de comunicação pelo “*direct*”¹². Além do Instagram alguns pais compartilhavam seus conteúdos em outras redes e junto com eles passamos a transitar por outros espaços na web.

Seguindo esses pais, fomos traçando os caminhos da paternidade ativa e suas principais características. No caminhar e transitar pelas redes sociais de pais percebe-se que existia um percurso de perguntas que geralmente eram feitas e respondidas em suas postagens: Vou ser pai e agora? Qual o lugar do pai no parto e no pós-parto? Já chegou nos seis meses como introduzir alimentação? Ele já come e anda e agora começa a manifestar seus desejos e começa o famoso *terrible two*, *o threenagers* o que fazer?... Percorrendo a trajetória dos sujeitos da pesquisa podemos compreender melhor a paternidade ativa e seu aspecto positivo (NELSEN, 2006)

REFLEXÕES SOBRE AS PATERNIDADES CONTEMPORANEAS: DA PATERNIDADE RESPOSÁVEL A PATERNIDADE ATIVA

Ao realizar uma pesquisa exploratória sobre paternidades contemporâneas em redes sociais *online* percebemos que o termo *paternidade ativa* apareceu como palavra-chave para a compreensão de um novo modelo de ser pai, sendo muito utilizado por pais produtores de conteúdos e influenciadores digitais no Brasil.

O termo era utilizado para denominar os pais que estão em nível de igualdade com as mães nas tarefas domésticas e nos cuidados com as crianças, diferenciando-se da paternidade “tradicional patriarcal”, na qual a figura masculina ocupa o lugar de *pai-provedor* ou daquele que “ajuda”.

¹² Ferramenta de Caixa de mensagem utilizada para diálogos diretos entre os usuarios da rede Instagram.
Fortaleza, v. 13, n. 26, jul-dez 2022

Investigar a *paternidade ativa* se fez imperativo para compreender o “novo” lugar que o masculino passou a ocupar dentro da economia do cuidado familiar recentemente. O tema da paternidade passou a ter maior visibilidade com a abertura dos estudos sobre as masculinidades, pois o momento da paternidade vem sendo apontando com frequência por homens como momento crucial para a mudança da sua percepção enquanto homem, pois é no momento que se torna pai este homem passa a refletir sobre sua relação com o seu próprio pai e como vai querer estabelecer sua relação com o seu filho.

Os estudos realizados sobre paternidade no fim do séc. XX em geral apontavam a importância do pai no cuidado e criação dos filhos contrapondo a ideias que eximia o homem de ocupar o lugar do cuidado nesse sentindo essa ênfase era acompanhada de um caráter de denunciar os impactos negativos de sua ausência (BERNARDI, 2017). O terapeuta junguiano Guy Corneau escreveu sua obra “Pai ausente, filho carente” explorando o silêncio entre pai e filho e os danos dessa relação afetiva distante ou inexistente.

Seguindo esse primeiro momento nos estudos sobre a posição do pai e denunciar sua ausência começou o debate social e acadêmico sobre a possível mudança dos lugares do homem e da mulher nas famílias de relações heterossexuais. Qual o lugar do pai e da mãe na família contemporânea que impera os conceitos de igualdade e individualidade?

Aqui analisaremos os termos a *paternidade responsável*, *paternidade participativa* e a *paternidade ativa*, cada um representa um marco nos debates sobre paternidades. Nos primeiros anos do nosso século trabalhos acadêmicos e debates sociais principalmente nas áreas do direito e da saúde passaram a utilizar o termo *paternidade responsável* estabelecendo um primeiro contraponto a *paternidade tradicional*. Esse termo fazia referência em denunciar a ausência dos homens na paternidade, a tônica da reflexão no contexto apontava em um sentido legal e social sobre o pai.

No âmbito do direito a terminologia *paternidade responsável* foi introduzida e debatida no direito civil depois da constituição de 1988, tendo em vistas combater o abandono paterno legal, incentivando o pai na realização do registro civil dos filhos, e afetivo, que frequentemente ocorre após o divórcio, em relações heterossexuais que se opera quando o pai ao romper laços com a mãe acaba por abandonar o filho também, deixando a guarda em responsabilidade exclusiva desta, abrindo os debates para a guarda compartilhada que atualmente é possível e em certa medida incentivada.

Dessa forma, a paternidade responsável está vinculada ao momento que se debateu a importância dos pais na educação e criação dos filhos, que se identificou sua ausência e os

danos decorrentes dela e, com isto o conjunto da sociedade passou a convocar e ao mesmo tempo apelar por mudanças no significado social da paternidade por meio de políticas públicas para repensar seu lugar.

No entanto, na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) que tinha como escopo abordar a saúde do homem e introduzi-lo no campo dos direitos reprodutivos com foco no planejamento familiar a nomenclatura já era utilizada para demandar que a atuação do pai no seio familiar e social que deveria estar em pé de igualdade perante a mãe (PEREIRA, 2015).

Apesar dessa definição proposta na política o debate ficou restrito ao anteriormente exposto. Avançando no caminho das transformações das relações entre pais e filhos encontramos bem próximo a *paternidade responsável* um outro termo, para se referir a paternidade, a *paternidade participativa*.

A nomenclatura também pode ser encontrada na PNAISH, e aparece como complementar a *paternidade responsável*. Com a paternidade participativa o homem é incentivado não somente a assumir legalmente e mecanicamente suas responsabilidades perante os filhos e família, mas a acompanhar as diferentes fases do desenvolvimento da criança, iniciando este processo desde o planejamento familiar como aponta Pereira,

O lugar do pai poderia ir além da noção de uma paternidade responsável, presente no discurso médico e governamental, pois ser responsável implicaria em participar. Essa participação vai sendo inserida pela PNAISH, na medida em que incentiva os homens a se integrarem, de forma ativa, desde o planejamento familiar, no sentido de definir, inclusive, quando se está pronto para ser pai, o que vai produzindo, no contexto dessa discussão, diferentes ou outros sentidos à paternidade. (PEREIRA, 2015, p.71)

A uso do termo *paternidade participativa* marca da transição de um discurso legal sobre paternidade para uma abordagem com ênfase no cotidiano familiar, com foco na igualdade entre o casal e afetividade em relação aos filhos, demonstrada pela participação nas diferentes fases de desenvolvimento da criança.

Por volta de 2015 o vocábulo *paternidade ativa* passou a ter visibilidade nos debates sobre paternidades nas redes sociais, não sendo uma iniciativa governamental médica ou legal, mas uma iniciativa individual ou coletiva de homens ou grupos de homens que compartilhavam conteúdos sobre educação e cuidados físicos (trocar fraldas, banho, sono, alimentação...) e psicológicos (birra, as fases de desenvolvimento...) com os filhos, ambos realizados com afeto e sem violência, respeitando a criança.

Aqui não se trata apenas de uma relação do pai em igualdade com a mãe, em uma relação que visa garantir ou buscar estabelecer uma igualdade de gênero, mas uma igualdade

entre todos os membros da família. Uma família horizontal (SINGLY, 2007) que deveria ou deve estabelecer novos laços sociais, pois a autoridade dos pais, não será embasada em autoritarismo e violência, mas em novas ferramentas de educação.

A *paternidade ativa*, é também uma paternidade responsável e participativa, mas nem toda paternidade responsável e participativa pode ser considerada uma paternidade ativa, pois esta apresenta uma série de elementos que a especifica e caracteriza principalmente nas categorias gênero(s), família(s) e geração que implicam na construção de novas subjetividades contemporâneas.

Esse entendimento sobre o lugar da criança na família é o principal diferencial desse modelo de paternidade para os outros citados anteriormente, o pai pode ser responsável e participativo, mas optar por uma educação punitiva e violenta que vai ao encontro do princípio de amor e respeito presente na *paternidade ativa*, que apresenta ainda em seus princípios uma educação no seio familiar embasada na criação com apego, disciplina positiva, comunicação não-violenta e mais recentemente criação neurocompatível.

A característica que trabalhamos neste artigo está endereçada a categoria de gênero(s), no entanto vale pontuar que o recorte realizado e a categorização ocorrem para tornar a compreensão do fenômeno mais didática e facilitar ao nível da análise, mas deve-se considerar que na realidade o movimento entre as categorias é fluído e complementar.

PAI CUIDA!:: UMA CARACTERÍSTICA DA PATERNIDADE ATIVA PELA IGUALDADE DE GÊNERO

Um ponto importante observado no decorrer da pesquisa que é defendido pelos pais defensores da *paternidade ativa* e que categorizamos como uma manifestação no eixo de gênero(s) é o estabelecimento de distinção e crítica entre o “pai que ajuda” e o “pai que cuida”, ambos ajudam a compor um dos aspectos da nossa interpretação sobre o fenômeno que é a resignificação do termo pai.

O “pai que ajuda” foi apontado nas falas dos sujeitos da pesquisa, em seus vídeos, postagens e áudios como aquele que faz o básico no cuidado com os filhos (trocar uma fralda, dar um banho na criança...) podendo ser considerado um pai responsável e até certo ponto participativo, no entanto espera ser orientado ou solicitado pela companheira para exercer alguma tarefa doméstica ou de cuidado parental.

Esse tipo de posicionamento é identificado como problemático para a *paternidade ativa*, pois o homem ainda coloca a mulher como a responsável principal na economia do cuidado, acarretando uma carga mental de trabalho invisível sobre essa e perpetuando o lugar de desigualdade historicamente e culturalmente estabelecido. A seguir podemos visualizar duas descrições feitas em postagens de vídeos no Instagram do @tadeuf Franca, um dos perfis acompanhados pela pesquisa.

2.757 curtidas

otadeuf Franca PAI NÃO É REDE DE APOIO - Atenção! Alerta de cérebros explodindo. Bora Refletir? 🤔

Repitam até entender: PAI NÃO É REDE DE APOIO! PAI É PAI!

Toda vez que nós como sociedade colocamos o Pai na mesma prateleira da Sogra, dos Avós, dos amigos, dos vizinhos, nós estamos retroalimentando uma faceta do patriarcado muito sofisticada, que coloca o Pai nesse lugar de "Ajuda".

Quem é rede de apoio está ali pra ajudar, apoiar, de livre e espontânea vontade, mas não é uma obrigação daquela pessoa ajudar nos cuidados com os filhos e com a casa.

Já o Pai ele tem a obrigação de cumprir com seus papéis, dividindo a carga com a mãe em tudo! Por isso ele não pode ser confundidamente colocado nesse lugar! Senão será bem cômodo e fácil Paternar! "Pq a obrigação é da Mãe! O Filho é da Mãe! Então eu posso só ajudar e apoiar que já tá bom, Certo?"

ERRADO PARÇA!

Refleta sobre isso Papai, e segura seu B.O! 🤔❤️

otadeuf Franca LEVANTA E FAZ - HOMENS ATENÇÃO! Elejam suas prioridades e de preferência que suas prioridades sejam dividir a responsabilidade e a carga dos filhos com a mãe.

Quer Fingir que não sabe fazer as coisas pra mãe ir lá e fazer pq vc, o Alecrim Dourado, que nasceu no campo sem ser semeado, quer usufruir dos seus privilégios de ser homem, assistir seu joguinho, tomar sua cerveja enquanto a mãe se lasca né?

VOCÊ TÁ ERRADO PARÇA!

É seu papel participar, contribuir, dividir e cumprir com as responsabilidades reais da paternidade!

Se você não consegue assumir as suas responsabilidades como pai...EU NÃO TE RECONHEÇO COMO HOMEM!

Mamães, podem mandar esse vídeo pros Alecrins Dourados de vocês, e mesmo que eles fiquem revoltados discordando, fiquem tranquilas pq a culpa vai bater e a reflexão vai chegar!

Prints realizados pelos autores em 09 de set. de 2021: descrição de posts da página do Instagram @otadeuf Franca.

Na descrição do *post* intitulado: "Pai não é rede de apoio" o produtor de conteúdos Tadeu França realiza uma crítica ao pai que se coloca como secundário no cuidado com os filhos. A postagem desse conteúdo ocorreu no dia 10 de agosto de 2021, no mês que comemoramos no Brasil o dia dos pais, aproveitando a visibilidade da data para a realização da sua crítica, no decorrer do mesmo mês mais cinco postagens foram realizadas com a mesma característica de crítica relacionando ao dia dos pais.

A segunda descrição intitulada: "Levanta e faz – homens atenção" o influenciador utiliza de seu lugar de homem para sensibilizar outros homens a assumir a paternidade ativa, tocando em questões que estão intrinsecamente relacionadas as masculinidades e os tipos de paternidades. Novamente criticando aos pais que dizem que ajuda.

Destacamos que o Dia dos Pais se tornou uma data de luta e visibilidade para as paternidades contemporâneas, reivindicar direitos, como o aumento da licença paternidade que atualmente são apenas cinco dias; e visibilidade do pai no lugar de cuidador em espaços públicos, como, por exemplo, ter trocador de bebê em banheiro masculino.

Complementando essa ideia do pai que se coloca no lugar de ajudante outros três termos foram apontados pelos pais ativos como problemáticos, são os termos: *paizão*, *super pai* e *pãe*. As críticas aos dois primeiros termos são relacionadas com a ideia de reconhecimento exacerbado para um homem quando ele faz apenas o que deveria ser feito e que geralmente é feito pelas mulheres ou demais cuidadores responsáveis pela criança sem o menor reconhecimento social em relação ao cuidado das crianças e é um reconhecimento que alguns homens esperam ao estar cuidando, esses geralmente se enquadram na categoria “pais que ajudam”.



Descrição

Super Pai - Paizinho, Vírgula!

772

Marcações "Gostei"

8.276

Visualizações

2016

13 de jan.

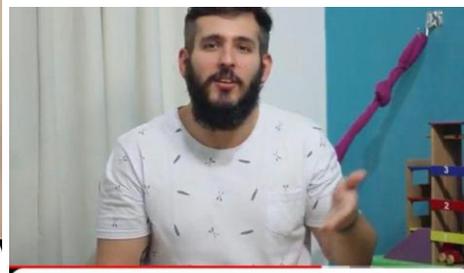
Ahhh, o super pai, que coisa mais linda! E como é que esse paizão faz no dia-a-dia? Ele troca fralda? Dá banho? Perai, mas não é esse o pai que ajuda? Cadê o pai que cria? Vem pensar comigo!

Se você gostou do vídeo, curta, comente, compartilhe e assine o meu canal!

Você quer ajudar o meu trabalho a continuar independente? Dá uma olhadinha aqui em como pode ajudar:

<https://apoia.se/paizinhovirgula>

<https://www.patreon.com/paizinhovirgula>



Descrição

Ebaaaaaaaaaaaaa, meu primeiro vídeo no YouTube!

Qual é o papel do pai hoje? Será que ele só precisa dar aquela ajudinha à mãe na hora de cuidar dos filhos e da casa? Será que ele precisa de tanto troféu pra fazer o mínimo esperado de um pai? Que tal usar não só o dia dos pais, mas todas as oportunidades possíveis para falarmos sobre o papel do pai que cuida?

Entenda a treta que rolou no dia dos pais e porque eu tive uma crise existencial assistindo ao vídeo!

Espero que vocês gostem! Ah, e não esqueçam de curtir o vídeo, comentar, compartilhar nas suas redes sociais e, também, assinar o Paizinho, Vírgula! Essa ajuda é muito importante para o canal e para mim!

Prints realizados pelos autores: postagens da página do canal Paizinho, vírgula no youtube.

O terceiro termo “pãe” é criticado pelos seguidores da paternidade ativa, pois reafirmam posições tradicionais sobre o lugar do feminino e masculino, ressaltando as qualidades da mulher para ocupar o lugar do cuidado e invisibilizando a capacidade dos homens para essa tarefa, tratando os homens que cuidam bem como casos isolados.

< **OTADEUFRANCA**
Publicações

Durante o dia dos pais essa pauta foi levantada, sobre normalizarmos o abandono paterno, colocando nas costas das mães, mais uma carga: SER PAI!

E não é papel da mãe cobrir esse buraco, é papel do cara refletir, voltar algumas casas e cumprir com suas obrigações paternas!

Entendo que isso pode ser feito, sobretudo pra tentar de alguma forma aliviar a dor de um filho(a) que vê as pessoas celebrando com seus pais no Instagram, ou na escolinha, mas falando do ponto de vista de um Pai Presente, nossa responsabilidade é muito grande, complicada e intransferível.

Então, entendam:
- PAI É PAI
- MÃE É MÃE
- PÃO É PÃO

O meu abraço apertado a todas as 11 milhões de mães solo do Brasil, e a todos os filhos que por culpa do machismo e patriarcado estrutural somado a falta de vergonha na cara de muitos homens, não puderam celebrar o dia dos pais!

Obs: Não estou falando aqui da maternidade solo oriunda do Luto, por conta dos pais que faleceram. E sim, sobre os genitores que se negaram a exercer sua paternidade. Que fique claro!



Descrição

Especial Dia dos Pais - Paizinho, Vírgula!

445 Marcações "Gostel"	4.572 Visualizações	2016 10 de ago.
----------------------------------	-------------------------------	---------------------------

Ahhh, o dia dos pais! Vamos falar sobre esse super pai, o pai do ano, o pai que ajuda, o pãe? Não! Vamos não! Vamos falar sobre responsabilidades e paternidade ativa!

Conheça o podcast Tricô de Pais!

Fonte: prints realizados pelos autores nas plataformas Instagram e Youtube.

O termo pãe é comumente utilizado de duas formas, pode ser na busca de preencher a lacuna do abandono paterno fazendo com que a mãe ocupe o lugar do pai e da mãe ao mesmo tempo, e pode ainda ser usado na situação em que o homem é um pai que cuida e participa e faz isso de forma eficaz que é quase uma mãe, reafirmando que esse não é o lugar do homem.

Já o “pai que cuida”, seria considerado o “pai ativo”, este é protagonista junto com a companheira ou companheiro ou mesmo sozinho, no caso dos “pais solos” em famílias monoparentais, nos cuidados cotidianos do lar (limpar e arrumar a casa, fazer, almoço...) e da família (levar as crianças para a escola, dar banho, alimentar, marcar consultas médicas...), as tarefas são divididas igualmente, se houver com quem compartilhar evitando a sobrecarga, ou buscando minimizar as diferenças, para um dos lados, nesse sentido alguns pais utilizam os termos *cocriar* e *coparentalidade* ao enfatizar a ideia de compartilhamento dos afazeres familiares.

Vale destacar que a prática da *paternidade ativa* não se restringe ao envolvimento na parte “prática” dos deveres e necessidades da vida cotidiana, pois é o envolvimento afetivo que dá a tônica desse pai, que está preocupado com o desenvolvimento emocional e psicológico da sua criança, assim como com o seu e da sua companheira(o).

Esse pai se apresenta combativo aos princípios machistas presentes em nossa sociedade e busca estabelecer laços que garantam a igualdade entre e intra gênero e ao respeito as crianças, não utilizando de violência como bater na criança para ser respeitado ou usar ameaças ou chantagens como ferramentas de educação.

Destacados esses pontos prosseguimos identificamos que o princípio de igualdade de gênero é forte dentro da ideia da paternidade ativa, que já vinha sendo desenvolvida nos debates suscitados pelos nomes citados no início deste artigo, mas aqui a presença de um pensamento com ideias feministas se faz presente de forma mais evidente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o exposto neste artigo apresentamos as seguintes considerações. Os estudos sobre as masculinidades ao colocar o homem como objeto de investigação identificaram que este contemporaneamente passa por um processo de transformação na construção de sua subjetividade. A paternidade vem sendo indicada como o momento mais importante no qual os homens passam a questionar os princípios da masculinidade hegemônica.

Dessa forma, as paternidades contemporâneas estão estabelecendo novos paradigmas para as masculinidades. Neste artigo, investigamos a *paternidade ativa* como uma das manifestações dessas mudanças. Reconstruindo historicamente o debate sobre as paternidades, partindo dos “estudos sobre os homens” identificamos três vertentes desses estudos que foram associadas aos seguintes termos: *paternidade responsável*, *paternidade participativa* e *paternidade ativa*.

A ideia de relações equânimes entre os gêneros é marcada inicialmente por iniciativas de Instituições formais disseminadas por meio de políticas públicas com um viés mais legal e de denúncia que, com o avançar dos debates, se tornou uma característica que passou a ser tema de manifestação, ativismo e mesmo negócio nas redes sociais mediadas pela internet.

Apesar da ideia de igualdade de gênero está presente desde o primeiro momento sobre a reflexão da paternidade é somente no momento em que esta deixa as instituições e passa a ser defendida pelos homens é que temos um diálogo mais aberto sobre as atividades do cotidiano representado aqui pelos termos “pai que ajuda” e “pai que cuida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução- Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. **Psicologia Revista**. Vol. 26, n.1, p.59-80, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28743>>. Acessado em 06 out. 2021.

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p.185-206, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. Tradução - Fernanda Silva Rando. Barueri, SP. Manole, 2015.

CHAUVIN, Sébastien. JOUNIN, Nicolas. A observação direta. In: PAUGAM, Serge (coord.). **A pesquisa sociológica**. Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2015.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Aguinaldo José da Silva. RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125. mai./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

_____. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NELSEN, Jane. **Disciplina positiva**. Tradução Bernadette Pereira Rodrigues e Samantha Schreier. 3. ed. Barueri, SP. Manole, 2015.

PEREIRA, Jamile Peixoto. **Da paternidade responsável à paternidade participativa? Representações de paternidade na política nacional de atenção integral à saúde do homem (PNAISH)**. Dissertação. 2015. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução: Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa américa. Tradução: Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.